

# economia

## B3 leiloará área industrial de Passo Fundo em setembro

Vencedor deverá investir R\$ 20 milhões em 10 anos e criar 150 empregos

### / LICITAÇÃO

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A área industrial onde ficava instalada a fábrica de guindastes da norte-americana Manitowoc, em Passo Fundo, irá a leilão na Bolsa de Valores, B3, em São Paulo. O edital foi publicado pela prefeitura do município do Norte do Estado ontem, com a expectativa de que o certame seja realizado no dia 17 de setembro.

Serão movimentados pelo menos R\$ 52,4 milhões no município em diversas etapas: do leilão aos primeiros anos de operação. Do valor, R\$ 32,4 milhões são do lance inicial da sessão pública de disputa - que equivalem a 40% do valor de mercado da área, avaliada em R\$ 81 milhões pela Caixa Econômica Federal.

Os demais R\$ 20 milhões são em investimentos que o arrematante deverá realizar ao longo de dez anos na área, como contrapartida pelo terreno. Outras exigências são de que sejam gerados 150 empregos em cinco anos e que a empresa opere no local por, no mínimo, 15 anos.

Em virtude do valor subsidiado, a prefeitura está realizando uma série de exigências para as empresas que concorrerem ao leilão, buscando evitar propostas especulativas. Assim, o edital exige comprovação de capacidade financeira, com patrimônio mínimo de cerca de R\$ 8,1 milhões. Cada



VAGNER DUARTE/PREFEITURA DE PASSO FUNDO/DIVULGAÇÃO/JC

Terreno pertenceu à Manitowoc, que deixou o Brasil em 2015

participante também deverá depositar uma garantia de proposta equivalente a 1% da avaliação do imóvel (cerca de R\$ 810 mil), valor que será devolvido ao final do processo. O vencedor pagará uma entrada de 10% sobre o lance, o que representa, no mínimo, R\$ 3,24 milhões ingressando diretamente nos cofres públicos. O saldo será quitado em 20 parcelas mensais, corrigidas pelo IPCA.

Para o prefeito de Passo Fundo, Pedro Almeida, a concessão do terreno chega em um momento de expansão do município. Além da Região Norte ter o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul, ocupando uma fatia de 18,76% da economia gaúcha em 2023, conforme os últimos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), a área também lidera em geração de empregos, sendo a única parte

do Estado que está crescendo sua participação no total de postos de trabalho formais ao longo dos últimos anos, de acordo com o Novo Caged. E Passo Fundo está no centro dessas transformações.

“A cidade está madura, num momento importante, com mão de obra disponível. Estamos querendo fazer realmente com que esse negócio venha se somar aos outros que estão na cidade, como a nova fábrica de etanol da Be8, que inaugura no próximo ano e que vai ser a maior do Brasil, com investimento de R\$ 1,5 bilhão. Queremos realmente criar esse ambiente produtivo para Passo Fundo para consolidar a cidade como uma grande potência nos próximos anos. O investimento do leilão, inclusive, vai para um fundo de desenvolvimento econômico, para depois poder financiar e beneficiar outros negócios”, avalia o prefeito.

## Terreno de 45 hectares já conta com infraestrutura

O imbróglio em torno da área é uma questão antiga. Afinal, a Manitowoc encerrou as atividades no fim de 2015 e o terreno permaneceu ocioso por nove anos, tendo sido reintegrado ao município em 2024 por decisão judicial. No mesmo ano, foi utilizado pela Defesa Civil estadual como centro logístico temporário para atender às vítimas das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul. A operação seguiu até abril de 2025.

“A Manitowoc encerrou as atividades no Brasil por uma questão particular, de mercado, e ficamos com uma área ociosa que é considerada nobre do ponto de

vista de infraestrutura industrial. Tiveram alguns percalços jurídicos, mas conseguimos vencer a etapa documental desse processo todo. Foram várias discussões durante muitos anos, teve até uma ação civil pública. Até o ponto em que a prefeitura conseguiu retomar a área como propriedade e posse para podermos fazer o edital”, relembra o prefeito de Passo Fundo, Pedro Almeida.

Ao todo, são 45 hectares às margens da RS-R324, que liga o município a Nova Prata, com acesso às BR-285 e BR-153. Já em área construída, há 26 mil metros quadrados, com galpões industriais

e estruturas administrativas. Há, ainda, infraestrutura instalada, incluindo rede elétrica e de água, além da previsão da chegada da rede de gás natural da Sulgás, que deverá passar a 30 km do local.

“É uma área industrial já consolidada, com empresas importantes já instaladas. Entre elas, a Ambev e a Italc. E estamos com um investimento na infraestrutura da cidade, com o trvo de acesso ao distrito industrial pela RS-324, que está chegando a 95% da obra, o que vai beneficiar todo o complexo para o fluxo de veículos, caminhões e cargas”, pontua Almeida.

## Deterioração fiscal e crise de crédito são ameaças, diz economista

### / CONJUNTURA

Cláudio Isaías

isaiasc@jcrs.com.br

As eleições presidenciais de 2026, os juros elevados no Brasil, a realização de uma nova reforma da Previdência e os conflitos internacionais foram temas discutidos pelo economista-chefe do Sistema Farsul, Antônio da Luz, também CEO da Agromoney. Com o tema “ Cenários econômicos nacional e internacional”, Luz participou ontem da reunião-almoço da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS). Segundo o economista-chefe da Farsul, o futuro financeiro do Brasil é preocupante em função de uma deterioração fiscal severa e da maior crise de crédito da história do País.

“Independentemente de quem vença as eleições de 2026, a próxima equipe econômica enfrentará um cenário de estrangulamento das despesas discricionárias e juros elevados, agravados por uma conjuntura internacional instável e conflitos globais que manterão a inflação persistente”, comenta. Sobre as eleições presidenciais de 2026, o economista faz um alerta aos candidatos ao defender que o debate político precisa focar em soluções estruturais urgentes, como uma nova reforma da Previdência e a desvinculação de gastos obrigatórios.

O economista ressalta que vê com muita dificuldade a gestão do próximo presidente da República. “Tenho pena da próxima equipe econômica que vai assumir porque eles vão lidar com a maior crise de crédito da história do Brasil que combina com uma desaceleração econômica muito forte e com uma situação fiscal que está organizada para piorar”, comenta. Conforme Luz, o governo brasileiro possui uma

necessidade gigantesca de financiamento e gasta cerca de R\$ 1 trilhão por ano apenas com o pagamento de juros da dívida. “Essa situação é agravada por um orçamento engessado, onde as despesas discricionárias (investimentos) estão minguando para dar lugar às despesas obrigatórias”, ressalta. Para Luz, a equipe econômica, independentemente de quem vença as eleições de 2026, enfrentará um cenário gravíssimo para gerir a escassez de recursos financeiros.

Com relação ao conflito Estados Unidos/Irã, Luz afirma que a guerra resultou em um aumento do preço do petróleo e uma gigantesca desestabilização econômica no mundo. “O resultado é que os Estados Unidos vão subir os juros esse ano e a culpa da alta dos juros é da guerra”, acrescenta. Conforme o economista, a inflação existente nos Estados Unidos vai levar meses para começar a recuar. “A inflação ressuruiu e se mantém elevada em grande parte devido à guerra, especificamente no Oriente Médio. Mesmo que o conflito chegue ao fim em breve, ele deixará um “legado muito ruim” e um volume alto de restos a pagar para a economia global”, acrescenta.

Segundo Luz, nos Estados Unidos não há perspectiva de queda de juros no curto prazo. “Pelo contrário, a tendência é que as taxas continuem subindo até o final do ano para controlar a inflação”, explica. O economista diz que a Europa segue um caminho semelhante, também elevando suas taxas de juros. Sobre o impacto no Brasil, o economista-chefe da Farsul diz que o cenário internacional impede uma redução mais agressiva das taxas brasileiras. “O Brasil poderia estar com juros mais baixos se não fosse pelo impacto da guerra no cenário global”, destaca.



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Almoço do Aço contou com o economista-chefe da Farsul, Antonio da Luz